A MULTIRREFERENCIALDIDADE NAS FORMAS PRONOMINAIS *NÓS* E *A GENTE* NA FALA DE ESTUDANTES TERESINENSES

Joana D' arc Rodrigues da COSTA

1 INTRODUÇÃO

Ao contrário do que dizem as gramáticas normativas, o plural de *eu*, ou seja, *nós*/*a gente*, não significa a junção de seres da mesma natureza (*eu* + *eu*), mas sim uma junção entre o eu e o não-eu, sendo pertinente observarmos quem assume o papel de não-eu (o interlocutor ou a terceira pessoa). Quanto a essa afirmação, há algumas divergências. Alguns autores, como Benveniste (2005), assumem que tais formas necessariamente apresentam o *eu* como componente indispensável; Marcuschi & Koch (1998) reconhecem que, conforme dados lingüísticos analisados por eles, o uso dessas formas pode excluir o falante ou envolvê-lo de uma forma indefinida.

Assim, podemos afirmar que as formas *nós* e *a gente* carregam em si uma multirreferencialidade, ou seja, podem referir-se a diversos seres, desde ao *eu/emissor*, de forma individual e particular a seres (in)determinados e (in)definidos, podendo atuar em dois campos semânticos: na indeterminação ou na determinação de seu referente. Além disso, essas formas são ainda intercambiáveis, isto é, em um mesmo texto o falante pode alternar entre as formas *nós* e *a gente* sem que haja alteração do referente.

Nesse sentido, podemos dizer que as formas pronominais *nós* e *a gente* não possuem em si mesmo um referente pré-estabelecido, determinado antes de seu uso ou de forma isolada de um co(n) texto. Os referentes (objetos de discurso), nestes casos, são construídos com a ajuda de fatores co(n) textuais, ou seja, seus referentes são interpretados, reconhecidos ou identificados pelos envolvidos no discurso.

Assim, investigamos, nesse trabalho, os usos dessas formas na fala de estudantes teresinenses, propondo-nos a identificar seus referentes, e também verificar a interferência de fatores lingüísticos e sociais (grau de escolaridade, sexo e natureza da escola) na escolha das formas e na construção de seus referentes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Concepção sobre referentes

Considerando os referentes como construções elaboradas por um sujeito e motivadas por relações sociais, Blikstein (1985), a fim de encontrar a relação entre língua, pensamento, conhecimento e realidade, propõe uma discussão sobre significação e linguagem. Segundo ele, a realidade é construída e elaborada pelo falante a partir de suas concepções e valores, portanto, uma elaboração discursiva.

Sobre o processo de construção do referente, Blikstein considera a importância da percepção/cognição, já que a significação lingüística advém do referente e este é construído pela dimensão perceptivo-cognitiva. Assim, o referente que antes não era considerado na relação triádica de Ogden e Richardes, revela sua importância, na medida em que a percepção/cognição transforma o "real" em referente: "a realidade se transforma em referente, por meio da percepção/cognição (conforme Greimas) ou da interpretação humana (segundo Coseriu), e o referente será obrigatoriamente incluído na relação triádica" (BLIKSTEIN, 1985, p. 46).

Para ele, a língua recorta a realidade de forma a constituir uma "realidade fabricada", a nossa percepção sócio-cultural sobre as coisas do mundo, sobre a realidade que é construída a partir de nossas crenças e costumes. A prática social ou práxis gera um sistema perceptual que vai "fabricar" o referente.

Participam dessa fabricação: a) "realidade/estímulo; b) prática social ou práxis; c) percepção/interpretação/ponto de vista/sistema perceptual; d) referente. Explica o teórico que o processo de percepção implica a captação ou percepção da realidade e o conhecimento desta através da prática social, da práxis.

Para Blikstein (1985), o referente é classificado como extralingüístico, pois é visto como um evento cognitivo, produto de nossa percepção. Para que haja compreensão do significado, faz-se necessário o recurso a uma dimensão: a percepção-cognição, onde se fabricam referentes/objetos mentais/unidades culturais.

2.2. A construção de objetos de discurso

Nesta concepção de construção referencial discursivamente, Mondada e Dubois (2003) reconhecem que a língua nos oferece meios, maneiras de expressarmos o que queremos, conforme nossos propósitos discursivos. Desta forma os sujeitos constroem seus objetos de discurso (referentes) e as categorias em suas práticas discursivas atendendo as suas necessidades e propósitos comunicacionais. Assim, percebemos como as ideias das autoras se aproximam das de Blikstein (1985), quando afirmam que "os sujeitos constroem através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo" (MONDADA & DUBOIS, 2003, pág. 17).

Esses objetos, por serem elaborados a partir de uma situação discursiva, são considerados como instáveis, pois "as categorias e objetos de discurso são marcadas por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação (MONDADA & DUBOIS, 2003, p.17).

Assumindo a instabilidade dos objetos e das categorias, e suas formas de construção, ou seja, as negociações e modificações propostas pelo que chamam "sujeito sócio-cognitivo" (MONDADA & DUBOIS, 2003, p.20) até que se tenha um resultado (objetos de discurso), as autoras propõem a substituição do termo referência por referenciação.

No entanto, as autoras reconhecem também que há práticas que permitem um efeito estabilizador como é o caso dos protótipos, estereótipos, a escrita, dentre outras. Assim, o trabalho de Mondada & Dubois (2003) pode ser compreendido e dividido em duas partes: uma em que se discorre sobre as instabilidades das categorias, e a outra em que se explicam os processos de estabilidade discursiva. Valendo-se do fato de que nosso trabalho trata de instabilidade de referentes das formas pronominais *nós* e *a gente* construídos a partir de interações, ater-nos-emos apenas a primeira parte texto.

As autoras propõem analisar a instabilidade das categorias, considerando-a como inerentes aos objetos de discurso e às práticas, já que nas práticas discursivas ocorrem as negociações de denominações e categorizações. Nestas escolhas, o sujeito

se deixa influenciar por "interações individuais ou sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas" (MONDADA; DUBOIS, 2003. p.22)

Koch (2005), também compartilha do pensamento de Mondada & Dubois (2003) ao adotar a substituição dos termos referência por referenciação, e de referente por "objeto de discurso". Para ela, a referenciação não favorece "a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores" (KOCH, 2005, p.34). Dentro das operações de referenciação os enunciadores elaboram objetos de discurso convenientes à enunciação. Esses objetos são dinâmicos, uma vez que se modificam de acordo com a necessidade do contexto e da criatividade dos enunciadores e por isso referenciação é uma atividade discursiva.

2.3 A instabilidade nas formas pronominais *nós* e *a gente*

Reconhecemos a gente como forma pronominal adotando como ponto de partida o estudo de Lopes (2008) em que propõe um novo quadro dos pronomes pessoais, que considera as formas freqüentes de uso efetivos da língua *a gente* e *você,* - embora *a gente* concorde com verbo na terceira pessoa, trata-se de uma forma pronominal que apresenta os mesmos valores semânticos manifestados pelo pronome pessoal *nós*.

Os pronomes pessoais, quando flexionados em número, percorre um caminho complexo, que, segundo Benveniste (2005), não é apenas um processo de "pluralização" (BENVENISTE, 2005, p. 255). Neste trabalho, em que se considera como objeto de estudo apenas as formas de primeira pessoa no plural, percebemos a distância que há entre elas e sua forma correspondente ao singular (*eu*). As formas pluralizadas *nós* e *a gente* são aceitas sob dois aspectos: elas podem ser inclusivas, ou seja, refere-se a *eu* + *vós* (BENVENISTE, 2005, p. 257), classificação que se deve a subjetividade marcada pelas formas envolvidas, ou serem exclusivas quando se referem a *eu* + *ele,* marcadas por uma correlação de pessoa, já que a terceira pessoa incluída no referente é considerado pelo autor como "não-pessoa".

O autor explica que a forma *eu* não aceita pluralização devido esta ser marcada por uma subjetividade e unicidade. Assim, a forma *nós* e *a gente* não são consideradas como plural de *eu*, mas sim como "uma junção entre o "eu" e o "não-eu" independentemente do conteúdo que envolve o "não-eu"" (BENVENISTE, 2005, p.256) sendo o *eu* parte necessariamente constituinte desse *nós* ou *a gente*.

No entanto, estudos como os de Menon (1994), de Zilles (2003) e de Borges (2004) demonstram que essas expressões podem sim vir desprovidas de da carga de *eu,* principalmente quando o informante a utiliza para referir-se a um grupo indeterminado ou genérico, pois nem sempre o falante está incluso no contexto ou realidade citada. Nas línguas européias a forma pronominal *nós* carrega a força de *eu*, de forma que difere de uma de elementos definíveis. Essas formas podem comumente representar o singular. Ainda segundo Benveniste, isso acontece porque a forma pronominal *nós* não é um *eu* quantificado ou multiplicado; é um *eu* além da pessoa estrito, ao mesmo tempo dilatado, e acrescido de contornos vagos (BENVENISTE, 2005, p. 258)

Assim, podemos concluir que as formas pronominais *nós* e *a gente* não apresentam referentes determinados ou pré-estabelecidos, mas construídos no momento discursivo. Elas são instáveis quanto ao seu referente, uma vez que podem referir-se ao falante (eu/emissor) de forma determinada e individual e podem se estender a referentes mais genéricos (in)determinados e (in)definidos, o que torna essas formas dependentes de seus co(n) textos - fato que Silva (2004) intitula "multirreferencialidade das formas".

Marcuschi & Koch (1998) afirmam que um texto se organiza basicamente a partir de dois processos: a seqüencialidade e a topicidade. O primeiro, considerado como progressão referencial, trata-se de maneiras para designar referentes introduzidos ou retomados, enquanto o segundo é considerado como progressão tópica, ou seja, "assuntos ou tópicos discursos tratados no texto. A continuidade referencial pode facilitar o desenvolvimento de um tópico e este oferece possibilidade à continuidade referencial, embora não a garanta.

A progressão referencial ocorre em uma complexidade formada por linguagem, mundo e pensamento que se estabelece no discurso. Desta forma, ressaltamos, mais uma vez, a concepção de que os referentes são construídos no processo discursivo, isto é, são objetos de discurso.

Porém, Koch & Marcuschi (1998) ressaltam a dificuldade de identificar o processo referencial, já que um texto não se constrói sob um único tópico ou linearidade. Afirmam que "a continuidade tópica ao longo do texto inteiro não é condição necessária para a progressão referencial. Por outro lado, parece ser intuitivamente verdadeiro que há uma relação entre a manutenção de referentes e a construção de tópicos discursivos" (KOCH & MARCUSCHI, 1998, p. 169).

Sabemos que a progressão tópica e a progressão referencial não são dependentes uma da outra, porém, em casos específicos, podem facilitar na identificação dos referentes como acontece com anafórico sem antecedente explícito interpretável apenas pelo contexto temático. Portanto, faz-se necessário questionar sobre a identificação do referente construído pelo falante, já que este nem sempre usa formas explícitas que o revele.

Para Koch & Marcuschi (1998), os pronomes de primeira pessoa (*nós* e *a gente*) configuram um bom exemplo do que é dito no parágrafo anterior, pois podem ser usados em situações em que o falante não explicita o referente, e para que identificá-lo, temos de analisar todo o texto considerando suas progressões. Ainda para eles, tais formas não são nem anafóricas nem correferenciais, mas objetos de discurso gerados conforme a singularidade de cada momento discursivo: "o 'nós' nem sempre inclui o 'eu' e também não envolve conjuntos definidos" (KOCH, MARCUSCHI, 1998, p. 170).

Tomando nessa afirmação como fundamento, organizamos nossas análises com o propósito de averiguar esses objetos de discurso construídos a partir do uso das expressão *nós* e *a gente*; situações em que o falante faz uso de uma ou outra expressão estando ou não inserido de forma definida ou generalizada.

3 ANÁLISE DO *CORPUS:* a multirreferencialidade em *nós* e *a gente*

Para nossas análises, serão utilizados os dados lingüísticos (pronome *nós* e sua forma co-ocorrente *a gente*) que fazem parte dos *corpora* do *Projeto-Núcleo "Aspectos Gramaticais do Português Falado por Teresinenses – UFPI*", com 12 (doze) produções adquiridas através de entrevistas realizadas entre as últimas séries do Ensino

Fundamental e Médio, sendo informantes 04 (quatro) estudantes da 5ª Série do Ensino Fundamental I, 04 (quatro) estudantes da 9ª série do Ensino Fundamental II e 04 (quatro) estudantes do Ensino Médio, totalizando 06 (seis) informantes de escola pública e 06 (seis) de escola particular.

Sabendo que a forma *a gente* é utilizada com bastante freqüência, principalmente na modalidade oral da língua por assumir as mesmas características do pronome *nós*, ressaltamos que, em nossas análises, as duas formas são consideradas como equivalentes.

Diante das doze produções orais dos alunos de escolas localizadas em Teresina - PI, analisamos as expressões *nós/a gente* utilizadas pelos informantes para designar a ele próprio ou em casos de uso mais abrangente e genérico de um "eu-ampliado", isto é, para referir-se exclusivamente a *eu* (emissor), a *eu* + 'não-eu' (receptor) ou a eu + não-eu + "não-pessoa" [ele(s)].

Conforme a explicação anterior, dividimos inicialmente nossas análises de acordo com a interpretação dos objetos de discurso:

a) Objetos de discursos em que o falante (eu) se inclui

> (1). "A de bola só é quando a gente vai na quadra (...) e de elástico a gente tem que ter muito cuidado pra não derrubar as pessoas"(EPaIF5).

Nessa produção, a informante utiliza duas vezes o pronome *a gente*, com referentes diferentes. No primeiro, a informante refere-se aos alunos, podemos pensar em todos os alunos que jogam bola na hora do recreio (meninos e/ou meninas) enquanto, no segundo, a informante usa a mesma expressão, mas para se referir às meninas. Para tais identificações, é necessário fazermos inferências, pois a informante não expressa no contexto de quem ela fala, porém, ativando nosso conhecimento cultural, sabemos que meninos ou meninas podem brincar de bola, enquanto brincar de elástico, só as meninas.

> (2) "Dizendo que se os policiais num desse o que ele pedia (...), disse que ia matar a gente (...) todo mundo que tava dentro daquele ônibus" (EPuIM5).

No exemplo (2), observamos a presença do pronome *a gente* com um referente bem definido, revelado pelo informante. No caso, refere-se aos passageiros do ônibus, incluindo o próprio informante.

> (3) "Eu nunca presenciei mas já ouvi falar muito né? eu acho super errado porque acho que :: como eu sou negra e você é branca, eu acho que não tem nada haver a cor da pele, mas nós não somos iguais?"(EPaIF9)[1].

Neste exemplo, o pronome *nós* foi usada para referir-se ao entrevistador e a informante o que configura um caso particular nessa análise, pois em decorrência do gênero escolhido, entrevista, e a não intimidade entre entrevistador e entrevistados, esse tipo de referência não foi muito encontrado. Ressaltamos que se trata de uma possibilidade de interpretação, uma vez que, a entrevistada cita esse exemplo para validar, ou explicar seu pensamento sobre o tema questionado (racismo)

Nos exemplos seguintes, embora a forma pronominal *eu* esteja inserida, podemos perceber o uso de uma forma generalizada ou, em consonância aos estudos de Marcuschi & Koch (1998), referindo-se a um conjunto indefinido.

> (4) "Que as pessoas assim:: quando fossem votar votassem assim não porque acha bonito ou coisa desse tipo mas pelas propostas examinar não só o atual do candidato mas o passado também como foi o passado dele a educação esse tipo de coisa que:: as pessoas não deveriam é assim acreditar em qualquer um por exemplo o Serra acho que quem está apoiando ele né? é o menino né? o Fernando Henrique então o que é que o Fernando Henrique fez pela gente? nada o porquê que a gente está nessa miséria toda? porque os salários não aumentam? porque que não tem empresas? então eu acho que é isso que o José Serra vai fazer roubar nosso dinheiro... e o Lula apesar de não assim não ter entrado ainda na presidência nenhuma vez eu acho que a gente deveria experimentar assim coisas novas e não tentar viver tudo de novo que a gente já viveu né? tendo um país governado pelo Fernando Henrique esse tipo de gente que só fazia roubar não fazia nada em nosso beneficio... e:: também acho que assim o Lula assim as propostas dele apesar de assim sabe não ter assim assim de não saber né o quê que ele como é assim o quê que ele fé... apesar de não saber porque o Fernando Henrique a gente já sabe e outros a gente já sabe e o Lula a gente não sabe o que ele vai fazer acho que a gente tem que experimentar tem que votar nele... e tentar viver um país melhor" (EPaIF9).

[1] Devemos esclarecer as siglas usadas para identificar as ocorrências que aparecem no *corpus*: EPa (escola particular); EPu (escola pública); IF (informante feminina); IM (informante masculino); 5, 9 e3 (5º ano, 9º ano e 3º ano, respectivamente)

> (5) "as universidades públicas que a gente só tem duas Estadual e Federal no caso a Federal ela ... apesar dessa dificuldade que ela trouxe em relação ao PSIU com a relação da preocupação que os aluno já tá já tão tendo esse receio todo... esse medo... é:: então isso tá atrapalhando um pouco no caso da Estadual mas nem por isso ela deixa de ser a melhor universidade que a gente tem no Estado do Piauí ... já no campus da UESPI a gente vê uma... bagunça entre aspas em diversos cursos a facilidade que muitos tem entrar... inclusive até mesmo a questão das peixadas... que a gente sabe que continua a existir até hoje" (EPaIM3).

No exemplo (4), inicialmente a informante transmite uma ideia de um referente bem indeterminado, mas considerando toda a situação de comunicação, percebemos que seu referente é indefinido, mas em um grau menor. Através das figuras políticas que disputam a presidência do Brasil, podemos afirmar que a informante refere-se aos brasileiros.

Não muito diferente, no exemplo (5), valendo-nos de que o informante discorre sobre as universidades públicas no Piauí, afirmamos que o grau de indeterminação do referente é ainda menor que no exemplo 4, pois se refere apenas aos piauienses.

Já no exemplo seguinte, a informante usa a expressão a gente para referir-se ora a ela mesma, ora a um referente genérico.

> (6) "assim porque... é um estudo... que a gente tem que se dedicar muito né?... aí como a gente estuda a gente já é português... a gente fala a língua portuguesa ( ) aprender falar direito... aí a gente fica um poquinho irritada porque a gente fala de um jeito e tem que falar do outro jeito" (EPaIF5).

A fim de criticar o ensino da disciplina "Português", a informante utiliza a expressão referindo-se a todos que falam a língua portuguesa, ou seja, seu referente é genérico (eu + todas as pessoas que falam português). Quando descreve o seu sentimento em relação a esse ensino, apesar de utiliza uma expressão pluralizada, a informante refere-se a si mesmo. Essa estratégia é nomeada por Lopes (2008) como "plural de modéstia" - talvez a informante tenha utilizado essa estratégia para se proteger.

Embora tenhamos identificado baixa incidência de uso de *nós* no *corpus* analisado, percebemos que, quando esta forma pronominal aparece, é usada em intercambialidade com a forma *a gente,* apresentando o mesmo referente ou não.

> (7) "Gosto de circo porque a gente se diverte. Quando meu pai trabalhava todo dia... a gente ganhava ingresso né? aí todo parque que aparecia nós íamos só que teve nesse ano num tem a gente não pode ir porque tava muito... porque era de manhã pro colégio de tarde ( ) e de noite todo mundo tava cansado".

Nesse caso, temos no primeiro uso da expressão de primeira pessoa um referente indeterminado, genérico (eu + todas as pessoas), ao passo que os demais apresentam referentes definidos [eu + outro (s)], ou seja, são usados para referir-se a informante e seu irmão, ou as pessoas de sua família.

Além desses casos, encontramos ainda o uso dessas expressões referindo ao próprio emissor:

> (8) na escola a gente ver mais isso eu acho que é só é falta de... eu acho que é falta de amor:: que eu acho que acontece isso porque a pessoa pensa muito em si num pensa mais no próximo porque são muito vaidosa eu acho que na escola na escola a gente vê mais esse ti\\ tipo de sentimento (EPaIM9).
>
> (9) rapaz é quando eu tou praticando uma coisa ali aí chega um caba e não é desse jeito não e não sabe fazer não rapaz é mesmo que tá batendo assim dando um murro assim... por exemplo eu tou ali praticando teclado e chega um que não entende de nada pra mim eu tou tentando ali fazer aí chega e rapaz tu não sabe não toca uma coisa aí rapaz quando um cara fala assim pra gente... (EPuIM9).
>
> (10) não. acho que por enquanto o que a gente menos quer é perder uma pessoa da família da gente é o que a gente menos quer (EPaIM3).

Observamos que nos exemplos (8), (9) e (10) o pronome *a gente* serve para designar o próprio enunciador, ou seja, marca um "plural de modéstia".

Assim, podemos comprovar através de nossas análises as diversas possibilidades referenciais sugeridas pelos falantes em suas construções discursivas, inclusiva a já constatada por Marcuschi & Koch (1998) que sugerem a exclusão do eu. Como podemos ver no exemplo (11):

> (11) acho que é impossível porque a gente vota num caba aí pensando que ele é bom não esse aqui vai ( ) mas depois que ganhar de novo só na conta (EPuIM9).

Considerando o conteúdo da conversa e o fato de que essa conversa parte de um aluno de nono ano, podemos pensar que esse aluno ainda não tem idade para votar, portanto, ele fala em nome de um conjunto de pessoas de forma genérica, do qual ele não faz parte.

Podemos visualizar o resultado de nossa pesquisa com a ajuda do quadro abaixo:

Pronome *nós*		**Pronome *a gente***	
Referente determinado	Referente indeterminado	Referente determinado	Referente indeterminado
56 = 70,88%	23 = 29,11%	190 = 40, 68%	277 = 59, 31%

Tabela I – Frequência do uso das expressões e suas construções referenciais

Os resultados mostram que as formas pronominais *nós* e *a gente* podem designar referentes definidos ou indefinidos, incluindo o falante ou não. Observamos, com base nos dados, que a forma *nós* é mais utilizada para designar referentes determinados, obtendo um total de 70, 88% dos casos, enquanto a forma *a gente* apresenta seu maior índice em usos com referentes genéricos ou indeterminados, somando uma porcentagem de 59, 31%.

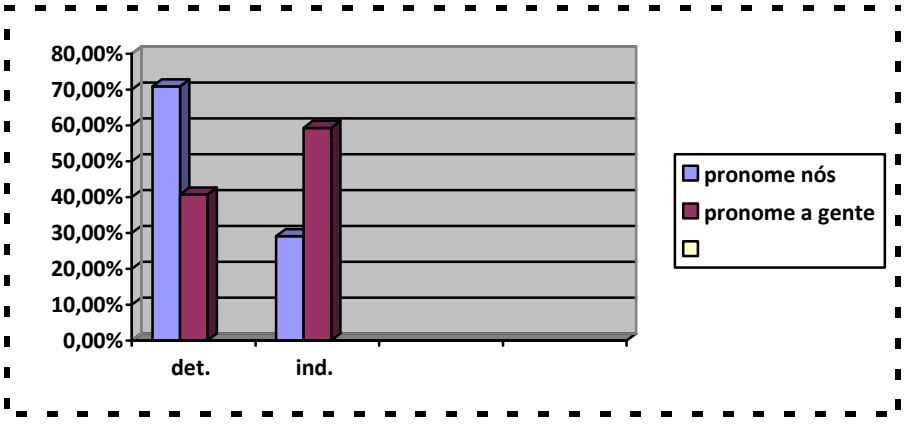

Gráfico I - Pronomes *nós* e *a gente*, e suas respectivas construções referenciais.

Embora nosso objetivo não seja fazer um estudo variacionista, propusemos enumerar alguns fatores extralingüísticos que podem, a nosso ver, contribuir na construção de objetos de discurso, tais como: série (5º ano, 9º ano e 3º ano), sexo e natureza da escola (pública ou particular).

Variáveis extralinguísticas		**Referente indefinido**	**Referente definido**
Grau de escolaridade	5º ano	55 = 39, 00 %	86 = 60, 99 %
	9º ano	60 = 47, 61 %	66 = 52, 38 %
	3º ano	185 = 67, 02 %	91 = 32, 9 %
Sexo	Feminino	170 = 52, 79 %	152 = 47, 20 %
	Masculino	130 = 58, 03 %	94 = 41, 98%
Natureza da escola	Pública	73 = 31, 33 %	160 = 68, 66 %
	Particular	227 = 72, 75 %	85 = 27, 24

Tabela II - Fatores extralinguísticos que podem influenciar na construção referencial dos pronomes *nós* e *a gente*

Considerando os três fatores escolhidos, verificamos que, de um lado, dos três níveis de escolaridade, o 5º ano faz uso das expressões para referir-se a pessoas de seu meio discursivo, seus amigos, sua família, dentre outros; de outro, os demais níveis fizeram uso da expressão para construírem referentes mais genérico, indefinidos, sendo possível identificá-los apenas com o auxílio do contexto e do conhecimento enciclopédico. Atribuímos tal distinção a natureza das perguntas, pois percebemos que as que foram feitas para os alunos de 5º ano baseiam-se em fatos narrativos, ao contrário das que foram feitas para os outros níveis, de natureza basicamente opinativa.

Quanto ao sexo, não percebemos uma diferença significativa nos resultados, já que em ambos os sexos há preferência pelo uso dessas formas com referentes indeterminados ou genéricos.

A natureza da escola demonstrou um fator bastante significativo, pois na escola pública a tendência é para o uso de referentes definidos, atingindo uma porcentagem de 68, 66%; já na escola particular, a preferência é por referentes indefinidos, com 72,75%.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando as estratégias de referenciação construídas a partir do uso dos pronomes *nós* e *a gente*, analisamos um *corpus* constituído por doze produções orais de alunos de escolas localizadas em Teresina, com objetivo de verificar como os referentes são construídos, conforme a multirreferencialidade permitida por tais formas.

Assim, constatamos que as expressões *nós* e *a gente* são comumente utilizadas como estratégias para introdução de referentes ou mesmo para mantê-los na cadeia discursiva, sendo que esses referentes designados por essas expressões podem variar entre o próprio emissor; a ele e seus companheiros; ou mesmo, de maneira bem abrangente, a seres humanos, brasileiros, dentre outras possibilidades, conforme a pretensão discursiva do falante.

Diante da instabilidade dos objetos de discurso construídos pelos informantes, muitos elementos textuais são indispensáveis para sua identificação, como é o caso do conhecimento enciclopédico, do cotexto e do contexto, dentre outros. Desta forma, podemos afirmar que a identificação dos referentes pode ser feita apenas nas próprias relações discursivas.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: **Problema de lingüística geral I.** São Paulo: Pontes, 2005.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou A Fabricação da Realidade**. São Paulo: Cultrix, 1985. (pp.52-80).

KOCH, I. G. V. Referenciação e orientação argumentativa In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. (pp. 33-52).

KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA.**, vol.14, nº especial, 1998. (p.169-100).

LOPES, C. R. dos S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA**, v.14, n.2, São Paulo, 1998.

_____. Pronomes Pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de Gramática descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2008. (pp103-109).

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. (pp. 17-52).

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português.** São Paulo, 2000.

OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, Anthony *et al*. **Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação.** V. 2, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986. (pp. 286-319).

SILVA, Ivanilde. **De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial.** Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Florianópolis, 2004.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras Hoje.** V. 42, n.2, Porto Alegre, junho, 2007 (pp. 27-44).